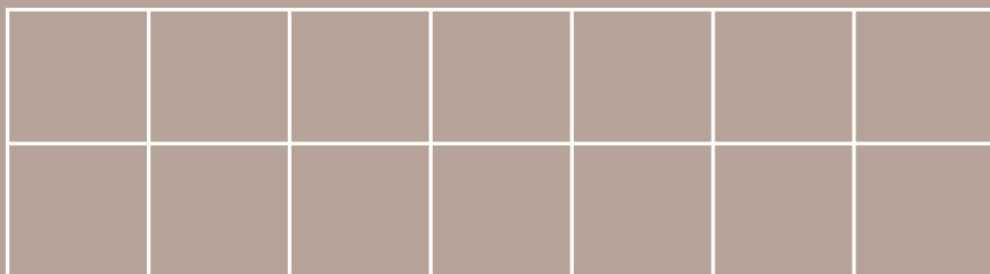
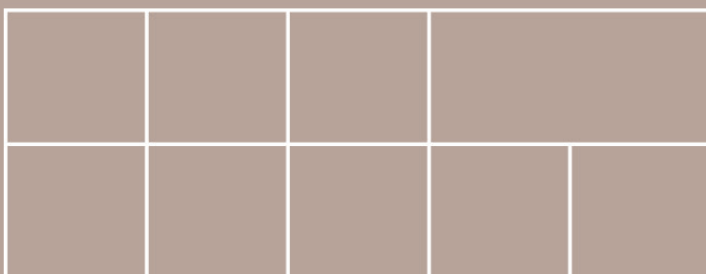


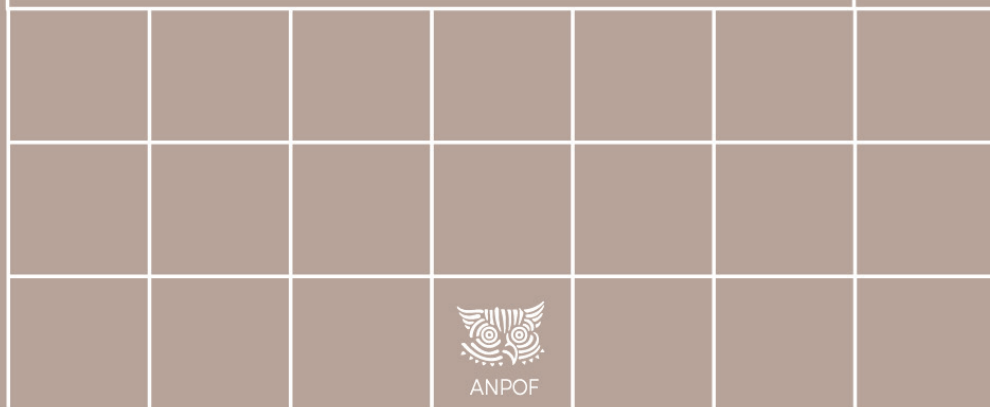
COLEÇÃO
ANPOF
XVII
ENCONTRO



FILOSOFIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA

ORGANIZAÇÃO

Adriano Correia, Silene Torres Marques, Cíntia Vieira da Silva e Dirce Eleonora Nigro Solis



ANPOF

ANPOF - Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia

Diretoria 2017-2018

Adriano Correia Silva (UFG)
Antônio Edmilson Paschoal (UFPR)
Suzana de Castro (UFRJ)
Agnaldo Portugal (UNB)
Noéli Ramme (UERJ)
Luiz Felipe Sahd (UFC)
Cintia Vieira da Silva (UFOP)
Monica Layola Stival (UFSCAR)
Jorge Viesenteiner (UFES)
Eder Soares Santos (UEL)

Diretoria 2015-2016

Marcelo Carvalho (UNIFESP)
Adriano N. Brito (UNISINOS)
Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros (USP)
Antônio Carlos dos Santos (UFS)
André da Silva Porto (UFG)
Ernani Pinheiro Chaves (UFPA)
Maria Isabel de Magalhães Papaterra Limongi (UPFR)
Marcelo Pimenta Marques (UFMG)
Edgar da Rocha Marques (UERJ)
Lia Levy (UFRGS)

Produção

Samarone Oliveira

Editor da coleção ANPOF XVII Encontro

Adriano Correia

Diagramação e produção gráfica

Maria Zélia Firmino de Sá

Capa

Philippe Albuquerque

COLEÇÃO ANPOF XVII ENCONTRO

Comitê Científico da Coleção: Coordenadores de GT da ANPOF

André Leclerc (UnB)
Antônio Carlos dos Santos (UFS)
Antonio Glaudenir Brasil Maia (UECE/UVA)
Arthur Araujo (UFES)
Carlos Tourinho (UFF)
Cecilia Cintra Cavaleiro de Macedo (UNIFESP)
César Augusto Battisti (UNIOESTE)
Christian Hamm (UFSM)
Claudemir Roque Tossato (UNIFESP)
Cláudia Drucker (UFSC)
Cláudio R. C. Leivas (UFPel)
Daniel Lins (UFC/UECE)
Daniel Omar Perez (UNICAMP)
Daniel Pansarelli (UFABC)
Dennys Garcia Xavier (UFU)
Dirce Eleonora Nigro Solis (UERJ)
Dirk Greimann (UFF)
Emanuel Angelo da Rocha Fragoso (UECE)
Fátima Regina Rodrigues Évora (UNICAMP)
Felipe de Matos Müller (PUCRS)
Flávia Roberta Benevenuto de Souza (UFAL)
Flavio Williges (UFSM)
Francisco Valdério (UEMA)
Gisele Amaral (UFRN)
Guilherme Castelo Branco (UFRJ)
Jacira de Freitas (UNIFESP)
Jairo Dias Carvalho (UFU)
Jelson Oliveira (PUCPR)
João Carlos Salles Pires da Silva (UFBA)
Juvenal Savian Filho (UNIFESP)
Leonardo Alves Vieira (UFMG)
Lívia Mara Guimarães (UFMG)
Lucas Angioni (UNICAMP)
Luciano Carlos Utteiche (UNIOESTE)
Luís César Guimarães Oliva (USP)
Luiz Antonio Alves Eva (UFPR)
Luiz Henrique Lopes dos Santos (USP)

Luiz Rohden (UNISINOS)
Marcelo Esteban Coniglio (UNICAMP)
Marco Antonio Azevedo (UNISINOS)
Marco Aurélio Oliveira da Silva (UFBA)
Maria Aparecida Montenegro (UFC)
Maria Cristina de Távora Sparano (UFPI)
Maria Cristina Müller (UEL)
Mariana de Toledo Barbosa
Mauro Castelo Branco de Moura (UFBA)
Milton Meira do Nascimento (USP)
Nilo Ribeiro Junior (FAJE)
Noeli Dutra Rossatto (UFMS)
Paulo Ghiraldelli Jr (UFRRJ)
Pedro Duarte de Andrade (PUC-Rio)
Rafael Haddock-Lobo (PPGF-UFRJ)
Ricardo Pereira de Melo (UFMS)
Ricardo Tassinari (UNESP)
Roberto Hofmeister Pich (PUCRS)
Rodrigo Guimarães Nunes (PUC-Rio)
Samuel Simon (UnB)
Silene Torres Marques (UFSCar)
Silvio Ricardo Gomes Carneiro (UFABC)
Sofia Inês Albornoz Stein (UNISINOS)
Sônia Campaner Miguel Ferrari (PUC-SP)
Susana de Castro (UFRJ)
Thadeu Weber (PUCRS)
Vilmar Debona (UFMS)
Wilson Antonio Frezzatti Jr. (UNIOESTE)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F487 Filosofia francesa contemporânea / Organizadores Adriano
Correia ... [et al.]. São Paulo : ANPOF, 2017.
496 p. – (Coleção XVII Encontro ANPOF)

Bibliografia
ISBN 978-85-88072-64-0

1. Filosofia francesa 2. Filosofia contemporânea - França
I. Correia, Adriano (Org.) II. Marques, Silene Torres (Org.)
III. Silva, Cíntia Vieira da (Org.) IV. Solis, Dirce Eleonora
Nigro (Org.) V. Associação Nacional de Pós-Graduação em
Filosofia VI. Série

CDD 100

Genet e o Mal : Sartre, Bataille, Derrida

Fabio Caprio Leite de Castro
(PUCRS)

INTRODUÇÃO

Desde a literatura pós-romântica, em especial a francesa, escritores de várias gerações flertaram com o problema do mal em suas produções literárias. Durante a segunda metade do século XIX, poetas e prosadores recorreram ao mal para validar uma nova concepção do Belo e da Arte, atravessada por uma atitude de rompimento com o público. Os “Cavaleiros do Nada”, como Sartre os intitulou, tramaram uma visão niilista e pessimista do mundo, correspondente a uma escolha absoluta da arte, que impulsionou e serviu de sustentação à Arte-absoluta.

Um legado dessa concepção literária encontra-se na obra do escritor maldito Jean Genet (1910-1986), o qual figura, quiçá, como o mais polêmico e ultrajante do séc. XX, criador de uma obra marcada por turbulências, pelo erotismo rebelde, pela radicalização da performance ambivalente do jogo de aparências, enquanto vetores para a reivindicação do mal supremo. A intensidade de sua produção literária e dramática, marcada por sua polêmica biografia, suscitou o interesse de Sartre, que lhe dedicou o famoso *Saint Genet, comédien et martyr*.¹ Em seguida, Bataille, em *La littérature et le mal*² e, posteriormente, Derrida, em *Glas*,³ propuseram novas perspectivas sobre a obra do “poeta ladrão” e apresentaram duas importantes contraposições a Sartre.

Pretendo mostrar que o interesse desses pensadores pelos escritos de Genet não é aleatório e que as suas divergências hermenêuticas reverberam o núcleo de um desacordo sobre a literatura. Este artigo tem, portanto, o objetivo de avaliar como o problema do mal na obra de Genet

¹ SARTRE, Jean-Paul. *Saint Genet, comédien et martyr*.

² BATAILLE, Georges. *La littérature et le mal*. BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Trad. Fernando Scheibe.

³ DERRIDA, Jacques. *Glas*.

tornou-se o eixo da polêmica entre Sartre, Bataille e Derrida, acerca do sentido da literatura, da comunicação e da escritura.

1. O PROBLEMA DO MAL NO SAINT GENET

Em 1951, as edições Gallimard publicaram o Tomo II das *Obras Completas* de Jean Genet⁴, deixando o Tomo I para o ano seguinte. Esta inversão cronológica deveu-se ao fato de que o prefácio encomendado a Sartre acabou se tornando todo o Tomo I, *Saint Genet*, um volume colossal de 690 páginas, publicado em 1952.⁵ Ao apresentar ao leitor uma espécie de aplicação sofisticada do método da psicanálise existencial, tal como havia sido apresentado em *L'Être et le Néant* (1943), Sartre contribuiu decisivamente para a notoriedade de Genet. Se considerarmos os anos posteriores, fica claro que a publicação do *Saint Genet* constituiu um marco intermediário no pensamento de Sartre, entre a formulação da ontologia fenomenológica e a revisão crítica do marxismo dogmático. O mesmo vale para Jean Genet. À exceção de *Haute Surveillance* e *Les Bonnes*, todo teatro de Genet é posterior ao livro de Sartre.⁶

O título do livro, *Saint Genet, comédien et martyr*, é uma alusão à peça de Jean Rotrou, *Le véritable Saint Genest*,⁷ de 1646, baseada na história do mártir cristão Saint Genest, ator romano convertido e executado. Como bem salienta Mary Witt⁸, Sartre estava interessado nesse período, ao mesmo tempo, nas peças e técnicas metateatrais usadas para questionar a natureza da verdade entre a realidade e a ilusão. Tudo indica que a peça de Rotrou passou pelas mãos de Sartre quando ele reescreveu a lenda medieval de Goetz von Berlichingen, em *Le Diable et le Bon Dieu*, representado pela primeira vez no Théâtre Antoine em 1951. Além disso, em 1953, adaptou *Kean*, de Alexandre Dumas, trazendo a figura do ator enquanto mártir, no Théâtre Sarah-Bernhardt.

⁴ GENET, Jean. *Œuvres complètes*. Tomo II.

⁵ De julho a outubro de 1950, Sartre publica "Jean Genet ou le bal des voleurs", texto que será, com numerosas modificações, incorporado ao primeiro terço do livro, em 1952. *Les Temps Modernes*, nº 57-62, 1951, p. 12-47; p. 193-233; p. 402-443; p. 668-703; p. 848-895; p. 1038-1070.

⁶ DORT, Bernard. "Genet ou le combat avec le théâtre, p. 1103.

⁷ ROTROU, Jean de. *Le Véritable Saint Genest*. Algumas décadas antes de Rotrou, Lope de Vega escreveu uma peça sobre Ginés (Genet em espanhol), publicada em 1621. (CARPIO, Félix Lope de Vega. *Lo fingido verdadero*). Essas adaptações mostram o quanto a história do santo Genest era bastante difundida na modernidade.

⁸ WITT, Mary Ann Frese. "From Saint Genesius to Kean: Actors, Martyrs, and Metatheater".

Entre os vários livros destinados por Sartre a uma análise de escritores e artistas, como, por exemplo, Baudelaire, Mallarmé, Tintoretto, Giacometti e Flaubert, o *Saint Genet* ocupa um lugar de destaque, não apenas por sua extensão, mas pelo marco que significa na obra sartriana. Em 1948, Sartre abandonou os *Cahiers pour une Morale* e desde então ainda não havia escrito nenhum texto que justificasse intelectualmente a sua decisão. Esta resposta pode ser encontrada parcialmente no *Saint Genet*. Além disso, o ano de 1952 é também o ano no qual Sartre se aproxima do Partido Comunista francês, com o qual romperá definitivamente quatro anos depois. Em meio às necessidades e exigências daquele período, Sartre ensaia, no entanto, uma psicanálise existencial cujo objetivo é descrever, a partir da relação entre vida e obra de Genet, a liberdade em situação do escritor enquanto ele se escolhe escritor.

Sartre centra a sua análise mais diretamente sobre o aspecto que se mostra o mais nuclear: o sentimento de posse que é despertado no pequeno Genet é uma tentativa de preenchimento de sua solidão de órfão. A recusa social experimentada por Genet, o pequeno “ladrão”, já estaria em germe na recusa maternal. Na busca de uma posse irrestrita dos objetos, através do furto, o pequeno Genet acaba preparando para si mesmo o olhar condenatório da sociedade.

Ocorre que, após um longo período de rejeições, Genet convenceu-se de que poderia tentar se tornar o ímpio ladrão ao qual o condenaram a se identificar. Outras alternativas poderiam ser aqui pensadas, como tentar resgatar a sua inocência, submeter-se aos adultos ou recusar a moral em nome da qual o condenam. No entanto, a sua decisão constitui desde então uma tentativa de *se fazer* ladrão, por sua própria conta, como até então disseram que ele *era*. Nesta tentativa de recuperação do olhar condenatório dos outros sobre si, Genet se serve, segundo Sartre, de dois sistemas de valores, duas tábuas de categorias irredutíveis que ele usa simultaneamente, (i) as categorias do *Ser*, onde se situa a sua intenção de ser, por exemplo, como Objeto, si-mesmo como outro, o herói, o criminoso, na fatalidade e na tragédia; e (ii) as categorias do *Fazer*, onde se situa a intenção de fazer, por exemplo, como Consciência, si como si-mesmo, santa, traidora, na liberdade e na comédia.⁹ Tais atitudes se estendem, de um lado, à sua vontade de ser um ladrão, à sua vontade de querer, de outro, à

⁹ SARTRE, Jean-Paul. *Saint Genet, comédien et martyr*, op. cit., p. 77 e seguintes.

homossexualidade. Oscilando por torniquetes (*tourniquets*) entre uma e outra tábua de categorias, Genet tentará uma síntese aberrante, a do *fazer para ser*, aliás, um tipo de tentativa que Sartre já havia apresentado em *L'Être et le Néant*.¹⁰

A reivindicação do mal continua a se fazer através do roubo, mas Genet passa então a interpretar o ato desviante como um *ato poético*, um ato de criação, através do qual ele recria, por suas mãos, a sua própria natureza. Na medida em que a sua natureza depende de seus atos, Genet se dedica a *praticar* o mal para *ser* mau, reivindicando, assim, a própria *soberania*. No entanto, aquilo que deve ser praticado é o mal enquanto mal, ou seja, o mal como um fim incondicionado, então as ações acabam se travestindo em comédia. Não existe a possibilidade de coincidência com o Mal, a não ser no imaginário. A solução será, em certo momento, aceitar transformar as ações em *gestos*, em um conjunto de representações de si mesmo em pura aparência.

É assim que Genet inicia a transformação de sua ética do Mal em estetismo *noir*. Trata-se, de acordo com Sartre, da segunda metamorfose de Genet. Ocorre uma considerável mudança de significação do seu projeto existencial, na medida em que a sua atitude tentará conciliar o ser e a aparência na beleza, através da *irrealização estética*. O mal como fim incondicionado passa a ser a finalidade da obra de arte e é através da sua liberdade de artista que o esteta se descobre maldito. No entanto, essa nova tentativa de síntese acaba se transformando em uma prolongação de seus sonhos de realizar o mal e da sua comédia sexual. Desse fracasso, uma nova metamorfose se anuncia.

Sua transformação sexual acaba se estendendo aos demais domínios e o faz passar do estetismo à arte.¹¹ Genet passa dos *gestos irrealizantes* a *ações que realizam* gestos.¹² Para Sartre, é esse movimento que conduz Genet às palavras. A literatura será como uma tentativa de encontrar a beleza na arte para em sua posse tentar, mais uma vez, atingir o Mal. De acordo com o juízo de Sartre sobre a literatura em Genet, os

¹⁰ *Idem. L'Être et le Néant – essai d'ontologie phénoménologique*, p. 500.

¹¹ “La trahison, le vol et l’homosexualité sont les sujets essentiels de ce livre. Un rapport existe entre eux, sinon apparent toujours, du moins me semble-t-il reconnaître une sorte d’échange vasculaire entre mon goût pour la trahison, le vol et mes amours”. [GENET, Jean. *Journal du voleur*, p. 193].

¹² SARTRE, Jean-Paul. *Saint Genet, comédien et martyr*, *op. cit.*, p. 470.

seus livros são falsos romances escritos como falsa prosa.¹³ O projeto de se tornar escritor é iniciado através do mesmo estado de espírito com o qual Genet roubava, traía seus companheiros, desejava ser pego e escapar dos policiais.

Sartre se serve da psicanálise existencial como método de compreensão do fio condutor das transformações de Genet, a fim de mostrar que o seu sentido último é o projeto de captar, recuperar, representar, coincidir ou realizar aquilo que o olhar dos outros lhe devolve em condenação, a sua alienação ao *Outro que si*. Através da análise das metamorfoses de Genet, somos levados por Sartre a um profundo questionamento sobre o Mal. Poderíamos afirmar, em síntese, que o *Saint Genet* descreve como as várias tentativas fracassadas de realizar uma coincidência absoluta com o Mal conduzem Genet a se tornar escritor.

A ação de furtar realizada de forma irrefletida e silenciosa possui uma significação afetiva prévia, mas ganha uma nova camada de significação desde a condenação pública. No entanto, a coincidência com o *Outro que si* da condenação é impossível. O mal precisa ser reconhecido pela consciência, uma *má consciência* que conhece sua própria condenação. Por outro lado, é necessário que a consciência coincida com o olhar do outro. Em outros termos, é necessário que se juntem a *opacidade* do mal da consciência e a *transparência* da consciência no mal.¹⁴ Para *ser* mau, é necessário que Genet tente coincidir com o destino que lhe forjaram, de modo que a sua busca pelo ser é, ao mesmo tempo, uma *vontade* de assujeitamento total ao outro.

O Mal é, portanto, enquanto lugar de contradições, um tipo de má-fé, enquanto arte da consciência de forjar conceitos contraditórios por uma consciência que mente para si mesma. A conclusão que parece se impor é que não há o mau. “Ele existe porque o homem de bem o inventou”.¹⁵ Ademais, o Mal é uma projeção. E Sartre chega a afirmar a hipótese de que o mal possa ser o fundamento e a finalidade de toda atividade projetiva.¹⁶ Aqueles que condenam mais severamente Genet por sua maldade ou sua homossexualidade têm provavelmente as mesmas inclinações, que eles

¹³ *Ibidem*, p. 473.

¹⁴ *Ibidem*, pp. 35-36.

¹⁵ *Ibidem*, p. 39.

¹⁶ *Ibidem*, p. 40.

procuram renegar e detestar na figura de um outro.¹⁷ Como Genet não é nem poderia ser idêntico a esse Outro que si (o mau), é necessário que ele se decida por sua maldade, que ele escolha se fazer o que é (enquanto outro). A todo momento, é necessário que esse olhar, ainda que imaginário, transforme a criança em ladrão. Sistemáticamente, todas as tentativas do mendigo, ladrão, homossexual, poeta e escritor de *ser* o Mau fracassam. O problema do Mal constitui, portanto, o fio condutor do ensaio sartriano.

2. O FRACASSO DE GENET EM *LA LITTÉRATURE ET LE MAL*

A segunda parte deste nossa exposição tem por objetivo reconstituir a resposta que Georges Bataille produziu sobre o problema do Mal em Genet, precisamente em contraposição ao ensaio de Sartre. Em 1957, Bataille publica o livro *La littérature et le mal*, uma compilação de ensaios sobre a relação entre a literatura e o mal através da obra de diversos escritores. Em seu preâmbulo, Bataille apresenta a famosa declaração de que a literatura “é o essencial ou não é nada”.¹⁸ Enquanto expressão do Mal, a literatura tem um valor soberano, não enquanto prescrição da ausência de moral, mas, ao contrário, como exigência de uma hipermoral. Para Bataille, a literatura é comunicação e, enquanto tal, ela requer lealdade: a comunicação intensa se funda na cumplicidade sobre o conhecimento do Mal.¹⁹

Dois de seus estudos, o capítulo sobre Baudelaire e o capítulo sobre Genet, constituem duas respostas explícitas aos livros de Sartre. A crítica à obra de Sartre, tanto pela sua concepção de poesia, como por sua defesa de Genet, é um aspecto medular do livro. Sartre não é apenas um alvo qualquer de Bataille, mas aquele contra quem ele reivindica sua própria concepção de literatura como *comunicação*.

Não seria possível entender os ensaios de Bataille sobre o Mal sem estabelecer uma conexão com o seu principal livro, *La Part Maudite*, obra de economia política à qual ele dedicou dezoito anos de sua vida, na tentativa de adotar um ponto de vista cosmológico para estudar o sistema

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*, *op. cit.*, p. 05.

¹⁹ *Ibidem*.

humano de produção e de consumo das riquezas.²⁰ As análises de Bataille sobre o excedente, cujo uso estaria na causa das transformações estruturais das civilizações, leva a importantes reflexões sobre os tipos de sociedade, como a sociedade de consumação, a sociedade de empresa religiosa e a sociedade industrial.²¹

No texto *La notion de dépense*, publicado originalmente em 1933 e retomado como texto de abertura de *La Part Maudite*, na edição de 1967, Bataille afirma a insuficiência do princípio clássico de utilidade, devendo este ser substituído pelo de dispêndio (*dépense*). A atividade humana não é inteiramente redutível a processos de produção, pois há dispêndios que são improdutivos. Parte do consumo é o que se limita ao mínimo necessário para a conservação da vida e para a continuidade da atividade de produção. Entretanto, uma outra parte é representada pelos dispêndios ditos improdutivos:

O luxo, os lutos, as guerras, os cultos, as construções de monumentos sumptuários, os jogos, os espetáculos, as artes, a atividade sexual perversa (ou seja desviada da finalidade genital) representam várias atividades que, ao menos nas condições primitivas, têm o seu fim nelas mesmas.²²

As artes integram o que Bataille chama de dispêndio, divididas entre aquelas que produzem um dispêndio real (como a construção arquitetônica, a música e a dança) e as que produzem um dispêndio simbólico (como o teatro e a literatura). Dentro dessa concepção do simbólico como dispêndio, Bataille entende que a poesia se aplica às formas menos degradadas e intelectualizadas da expressão de perda, podendo “ser considerada como sinônimo de dispêndio”.²³ O seu significado é o de criação como meio da perda e se avizinha ao sacrifício. Para os raros seres humanos que dispõem desse elemento residual da poesia, o dispêndio poético deixa de ser simbólico em suas consequências: “em certa medida, a função de representação engaja a vida mesma daquele que a assume”.²⁴ É a partir

²⁰ RONCHI, Rocco. *Bataille, Levinas, Blanchot*, p. 188.

²¹ BATAILLE, Georges. *La part maudite*, precedido de *La notion de dépense*.

²² *Idem*, *La notion de dépense*, p. 28.

²³ *Ibidem*, p. 31.

²⁴ *Ibidem*, p. 31.

desse paradigma que Bataille desenvolve sua tese sobre a comunicação em *La littérature et le mal* e escreve, em contraposição a Sartre, os ensaios sobre Baudelaire e sobre Genet.

Embora Bataille aceite muitos aspectos relevados pelas análises sartrianas em seu *Baudelaire*, a sua discordância explícita com o método de Sartre deve-se ao fato de que este teria aproximado de maneira simplificada o problema moral e a poesia.²⁵ No núcleo dessa divergência, Bataille afirma que a “recusa de trabalho” não seria um erro individual cometido pelo poeta maldito, pois “como toda atividade, a poesia pode ser considerada sob o ângulo econômico. E a moral ao mesmo tempo que a poesia”.²⁶ Segundo Bataille, esse problema crucial para Baudelaire teria sido evitado por Sartre, bem como as questões propriamente poéticas suscitadas por seus poemas.

O que mais nos interessa aqui é o capítulo de *La littérature et le mal* reservado a Genet. Bataille expressa nele a sua admiração pelo livro de Sartre, um trabalho literário que não deixa de ser “a investigação mais livre, mais aventureira, que um filósofo já dedicou ao problema do Mal”.²⁷ Por outro lado, aquilo que concorre para fazer do livro “um monumento” não é apenas a sua extensão, a inteligência do autor e o interesse no assunto, mas “a agressividade que sufoca e o movimento precipitado que a repetição contínua acentua, que por vezes torna penosa sua segurança”.²⁸

Para Bataille, o modo como Genet tentou tornar-se abjeto para si mesmo foi bem sublinhada por Sartre. O ponto central de sua crítica é a indiferença de Sartre para com o problema da *soberania*. “Genet só pode ser soberano no Mal, a própria soberania talvez seja o Mal, e o Mal nunca é mais seguramente o Mal do que quando punido”.²⁹ O feitiço por um valor supremo, pelo santo, sublime e soberano é ironicamente gerado pela negação de todo valor, e produz o desliz para a traição e para o impasse de uma transgressão ilimitada. De acordo com Bataille, o próprio Sartre teria percebido que Genet não tem o poder e a intenção de se comunicar com seus leitores. Sartre teria visto que a elaboração da obra de Genet tem o

²⁵ BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*, op. cit., pp. 32-33.

²⁶ *Ibidem*, p. 47.

²⁷ *Ibidem*, p. 169.

²⁸ *Ibidem*, p. 168.

²⁹ *Ibidem*, p. 173.

sentido da negação daqueles que a leem, sem extrair daí a conclusão de que não se tratava realmente de uma obra.

Com efeito, o fracasso de Genet é, para Sartre, o fracasso constante de seu projeto original de *ser*. Do ponto de vista da comunicação, porém, há vitória, pois Genet escapa da miséria e do horror, ele sai da abjeção, os “homens de bem” o admiram.³⁰ Essa tentativa de rompimento com o público é o que Sartre chama de *perde-ganha*, um jogo em que se perde tudo para alcançar a vitória na derrota. Os leitores de Genet tornaram-se seus apoiadores.³¹

A resposta de Bataille ao *Saint Genet* integra um debate que já vinha se produzindo há algum tempo. Em *Un nouveau mystique*, artigo publicado nos *Cahiers du Sud*, em 1943, Sartre fez uma crítica contundente ao misticismo e ao cientificismo de Bataille em *L'expérience intérieure*. A propósito da poesia e da comunicação, escreve Sartre “(...) a poesia não se propõe a comunicar uma experiência precisa. M. Bataille, ele, deve identificar, descrever, persuadir. A poesia se limita a sacrificar as palavras; M. Bataille quer nos dar as razões desse sacrifício”.³²

Ao contrário de Sartre, Bataille assevera que a criação literária “só é literária na medida em que participa da poesia”, enquanto operação soberana.³³ Essa ideia é reforçada mais adiante, com a afirmação de que a expressão literária “é poética ou não é nada (não é mais que a busca de acordos particulares, ou o ensinamento de verdades subalternas que Sartre designa ao falar de prosa)”.³⁴ Porém, o sentido de soberania não se pode desprender da comunicação. “A literatura é comunicação. Ela parte de um autor soberano, para além das servidões de um leitor isolado, e se dirige à humanidade soberana”.³⁵

A tese de Bataille é de que não há comunicação entre Genet e os seus leitores. Assim sendo, não pode haver sagração do poeta por um público que ele não reconhece, uma vez que não há comunicação. E se existe uma recusa à comunicação por parte de Genet, a obra não poderia ser nem sacra nem poética. Nesse sentido, o mesmo fracasso da vida

³⁰ SARTRE, Jean-Paul. *Saint Genet, comédien et martyr*, op. cit., p. 627.

³¹ *Ibidem*, p. 646.

³² *Idem*. “Um nouveau mystique”. *Situations, I – Critiques littéraires*, p. 137.

³³ BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*, op. cit., p. 181.

³⁴ *Ibidem*, p. 192.

³⁵ *Ibidem*, p. 181.

de Genet com aparência de sucesso se reproduz em sua obra.³⁶ Bataille considera que Sartre reconheceu essa fraqueza de Genet, mas ao invés de suspeitar da sua autenticidade, proporcionou um meio de defendê-lo. Nesse momento da análise, Bataille recupera a sua abordagem histórica acerca do dispêndio para mostrar que o “único erro de Genet é o de ser moralmente a criatura dessa sociedade [de dispêndio], que não está morta, mas condenada”.³⁷ Sartre não teria compreendido o modo como a consumação inútil se opõe à produção, tal como o soberano ao subordinado, e teria condenado o que deriva da soberania. Em uma famosa nota, Bataille chega a sustentar que essa seria a razão pela qual Sartre encontrou a dificuldade maior em seus estudos filosóficos de passar de uma moral da liberdade a uma moral comum. “Só uma moral da comunicação – e da lealdade –, fundada pela comunicação, supera a moral utilitária”.³⁸

A partir dos ensinamentos que resultam da fraqueza de Genet, Bataille propõe uma análise sobre a comunicação. É possível, segundo ele, distinguir entre a *comunicação fraca*, da linguagem profana ou da prosa, quando se trata de convencer e chegar a um acordo ; e a *comunicação forte*, que abandona as consciências umas às outras diante de sua impenetrabilidade.³⁹ Enquanto aparição suprema da existência, essa comunicação forte é primeira, ao se revelar a nós na multiplicidade das consciências em sua comunicabilidade. Não há nenhuma diferença de fundo entre a comunicação forte e o que Bataille chama de *soberania*. Isso porque a comunicação forte supõe a soberania daqueles que se comunicam entre si, do mesmo modo que esta supõe a comunicação. Nesse sentido, a experiência de Genet, pela transgressão de todos os interditos sociais, é de um interesse especial. O exemplo de Genet revela uma soberania *traída*. A busca de uma soberania no Mal fez com que Genet se abandonasse a este sem limites. No entanto, o Mal que a soberania exige é limitado, sob pena de anular a comunicação. Para recusar a comunicação, Genet acaba jamais atingindo o momento soberano. O desejo solitário de soberania acabaria por trair a própria soberania. A “santidade” de Genet é soberania morta.

³⁶ *Ibidem*, p. 185.

³⁷ *Ibidem*, p. 188.

³⁸ *Ibidem*, p. 189.

³⁹ *Ibidem*, p. 192.

A grande questão que nos suscita o ensaio de Bataille é que as suas análises sobre Genet estão visivelmente atravessadas e influenciadas por uma polémica contra Sartre acerca da literatura. Não é uma nenhuma coincidência que os seus ensaios, tanto sobre Baudelaire, como sobre Genet, expressem um juízo exatamente inverso ao de Sartre. Ora, quanto à obra de Genet em si, Bataille e Sartre estão relativamente de acordo. A verdadeira discordância entre ambos se situa no âmbito de suas próprias concepções literárias. Que a obra de Genet seja fruto de uma “conversão” proveniente de uma liberdade e compreendida como resultado de uma escolha, eis o que não aceita Bataille, que preferiu ver na traição à soberania o fracasso da comunicação. O ensaio de Bataille sobre Genet é a culminação de seu desacordo teórico com Sartre.

3. A “COLUNA” GENET NO *GLAS*

A terceira parte de nossa articulação tem o objetivo de confrontar as teses até aqui apresentadas com a ousada e renovadora leitura da obra de Genet realizada por Derrida no *Glas*, publicado em 1974. Texto que pode ser considerado como uma elaboração radical do programa apresentado em *De la grammatologie*, o *Glas* é o sino fúnebre que toca o fim do livro, de uma clausura que correspondeu durante longo tempo à clausura metafísica, e anuncia uma *escritura por vir*. Nesse projeto intenso e arrojado, Derrida erige duas colunas paralelas em cada página, como um diferimento do livro no livro, até a destituição do seu formato habitual.

Em oposição à coluna “Hegel”, à esquerda, é a coluna “Genet”, à direita, e sua figura traidora que Derrida designa para uma espécie de parasitagem e confrontação, para a desconstrução da oposição entre filosofia e literatura. Duas colunas “desiguais”: uma guarda, assimila, interioriza, idealiza; a outra deixa cair o resto, indecidível.⁴⁰ Embora haja poucas alusões diretas às críticas literárias de Sartre e de Bataille na coluna “Genet”, elas não deixam de se mostrar os principais alvos de Derrida. Esta coluna possivelmente teve origem em um breve seminário que Derrida realizou na John Hopkins University, em 1972, com o título “Genet. Drama” ou “O teatro de Genet”.⁴¹

⁴⁰ DERRIDA, Jacques. *Glas*, *op. cit.*, pp. 7-8.

⁴¹ Cf. VÁZQUEZ, Beatriz Blanco. *Geografía de los restos: reinscripciones del duelo em Glas de Jacques Derrida*, p. 104.

Antes do *Glas*, Derrida já havia se ocupado, em duas oportunidades, das filosofias de Bataille e de Sartre. No texto *De l'économie restreinte à l'économie générale – Un hegelianisme sans réserve*, publicado em *L'écriture et la différence*, de 1967, Derrida mostra, sem complacência, as contradições do hegelianismo à base dos conceitos de domínio (*Herrschaft*) e soberania em Bataille, que não teria levado a sério, apesar de tudo, o *negativo*.⁴² A soberania não escapa à dialética. Cortando uma da outra, Bataille faz da soberania uma negação abstrata e consolidada a “onto-lógica”. Ao invés de suprimir a síntese, a soberania a inscreve e a faz funcionar no sacrifício do sentido. Em toda uma zona do texto de Bataille, a soberania estaria ainda presa ao voluntarismo que, como Heidegger já havia mostrado, se confunde com a essência da metafísica.⁴³ O nome de Sartre aparece em notas de rodapé desse texto, especialmente por conta das críticas que ele desfere contra Bataille em *Un nouveau mystique*. Em uma das notas, Derrida assinala um problema comum aos dois filósofos que foi a adoção arriscada da tradução (segundo Corbin) de *Dasein* por “*réalité-humaine*”.⁴⁴

No ano seguinte, em outubro de 1968, Derrida pronuncia uma conferência em Nova York, *Les fins de l'homme*, que termina sendo retomada e publicada no livro *Marges de la philosophie*, de 1972. O objetivo de Derrida nesse texto é mostrar a metafísica das “fenomenologias” de Hegel e de Husserl, e o modo como Heidegger destrói o humanismo metafísico, não deixando de distinguir, em suas conclusões, entre o modelo da destruição heideggeriana e o que ele mesmo apresenta como forma da desconstrução. Em um capítulo desse texto, é a vez do humanismo de Sartre tornar-se o alvo de Derrida, exatamente através do problema que ele havia sublinhado na nota de *Un hegelianisme sans réserve*. A partir da noção equívoca de “*réalité-humaine*”, Derrida mostra que as heranças metafísicas de Sartre fazem com que o seu ateísmo não mude nada na estrutura fundamental da onto-teologia.⁴⁵

É nesse mesmo contexto que Derrida prepara o *glas* do livro. As críticas literárias de Sartre e de Bataille aparecem como resíduos metafí-

⁴² DERRIDA, Jacques, “De l'économie restreinte à l'économie générale – Un hegelianisme sans réserve”. *L'écriture et la différence*, p. 380.

⁴³ *Ibidem*, p. 392.

⁴⁴ *Ibidem*, nota da p. 405.

⁴⁵ DERRIDA, Jacques, “Les fins de l'homme”. *Marges de la philosophie*, p. 138.

sicos da coluna Genet. Começamos pela menção que Derrida faz a Sartre, nomeando-o “ontofenomenólogo da liberação” que “insistia para vos remeter (os leitores), em mão limpa, em lugar seguro, as ‘chaves’ do homem-e-obra-completa, sua última significação psicanalítico-existencial”.⁴⁶ A passagem é recortada por uma citação direta do *Saint Genet* em letras menores, que aumenta o tom irônico do autor de *Glas*. Em seguida, ele escreve que se arrastara durante muito tempo o eco de que “Genet é uma criança que foi convencida de ser, no mais profundo de si-mesmo, *Outro que si*”.⁴⁷ Sem mencionar o nome de Sartre até aqui, a passagem do *Saint Genet* e a sua tese central indicam que o “eco” a que se refere Derrida é o da interpretação sartriana.

No parágrafo posterior, Derrida aproxima Sartre (sem citá-lo) a Lacan em sua crítica à noção de “chave” para a compreensão do ego, como um *passé-partout* em todas as lacunas significantes. Em Lacan, lembre-se, a “chave universal” seria o *phallus*. Derrida reserva ainda a Lacan a observação de que o nome de Genet está ausente no index dos seus *Écrits*. No trecho encaixado nesse parágrafo, em letras menores, Derrida afirma que os escritos de Genet só figuram “lá” (na obra de Sartre) “para fazer o exemplo, o caso de uma estrutura universal, que nos dará a sua chave”.⁴⁸ Em seguida, ainda no mesmo encaixe, Derrida faz menção ao “caso Genet” de Mauriac e à “sentença” de Bataille sobre “o fracasso de Genet”. O que interessa na noção de “chave”, a qual reaparecerá outras vezes no *Glas* é “como isso [ça] se encadeia, isso se abre, isso cai e isso soa. E como o caso pode falsear, forçar um tanto uma lei dialética, uma fechadura que deveria porém abrir tudo”.⁴⁹

Mais de cento e quarenta páginas depois, há ainda uma pequena menção ao *Saint Genet*, quanto ao ponto de vista da psicanálise existencial acerca da “constelação de imagens” produzida por Genet em um texto sobre o uso do tubo de vaselina em uma *adoração perpétua* a um grupo de policiais.⁵⁰ Derrida propõe, pela via da psicanálise, que a “adoração” seja interpretada como efeito de inversão de sentido, em uma sorte de “entubagem” retórica,⁵¹ como hino ao tubo funerário, e como um retorno à mãe.⁵²

⁴⁶ DERRIDA, Jacques. *Glas, op. cit.*, pp. 36-37.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 37.

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 181.

⁵¹ *Ibidem*, p. 182.

⁵² *Ibidem*, pp. 183 e 186.

O nome de Sartre reaparecerá em uma citação de *La littérature et le mal* de Bataille, para assinalar a “aliança dificilmente explicável” entre este e aquele, quanto à dificuldade de comunicação na obra de Genet.⁵³ A desconstrução volta-se aqui ao “fracasso de Genet” apontado por Bataille.

Que título. Denúnciação mágica, animista, amedrontada. (...) Mas o ‘fracasso’, Genet não o calculou? Ele o repete todo tempo, e quis vencer o fracasso. E eis que, pela simples provocação de seu texto, ele constrói uma cena que obriga o outro a se desmascarar, a tagarelar, a se desmontar, a dizer o que ele não queria, não deveria dizer.⁵⁴

A alusão ao próprio poema de Bataille que se intitula *glas* é a culminação do movimento questionador de Derrida. Depois do artigo *Le Langage des Fleurs* de Bataille, é deste que não se esperaria uma condenação tão radical à Genet.⁵⁵ Em uma frase isolada, a ironia de Derrida é desconcertante: “Os doutores, em seu tempo, vieram, portanto, em sua direção e não o reconheceram”.⁵⁶

Essas passagens anunciam a desconstrução operada por Derrida sobre a crítica literária de Sartre e de Bataille sobre Genet, presas ainda à tentativa metafísica. Tanto a tentativa de fixação do projeto original por Sartre, quanto a denúncia e condenação literária de Bataille, são trazidas como peças importantes da coluna “Genet”, pois estariam elas na base da contraditória recepção da obra do autor, entre a canonização precoce e o desprezo. Sartre e Bataille, cada um por suas motivações singulares, teriam colocado em relevo mais as suas próprias convicções acerca da relação de Genet com o Mal e o problema da comunicação do que o modo como a poesia da flor se expressa na sua autobiografia.

No *Saint Genet*, a questão da flor, a questão antológica, entre outras, é infalivelmente evitada. Com aquela da ‘psicanálise’ e aquela da ‘literatura’, pela mais ágil e a mais inteligente das lições de ontologia fenomenológica da época, à francesa.⁵⁷

⁵³ *Ibidem*, p. 243.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 245.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 246.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 249.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 20.

Para Derrida, a definição do floral em Genet por Sartre como o “objeto poético por excelência”, dissolve-a em um “mau ontologismo pré-heideggeriano” e um “mallarmeísmo vago”.⁵⁸ Seria este o resultado da homologia entre a leitura ontológica e a leitura poético-retórica que se refletem uma na outra.

É na direção do poético da flor, portanto, a partir desse resíduo da ontologia fenomenológica, que Derrida fará reaparecer a flor ao longo da coluna Genet do *Glas*. Genet é o antigo “Genest” que perdeu o “s”, assim como o acento circunflexo no “ê” do “Genêt” da flor. A questão da flor se situa entre os dois efeitos dessa literatura, entre a traição e a denúncia. Genet precisa decidir? “Expropriação ou reapropriação? Decapitação ou recapitação? Disseminação ou recapitulação, recapitalização? Como fatiar (*trancher*)?”.⁵⁹ Cedendo à (paixão) da escritura, Genet se fez uma flor. “Ele se colocou na terra, em grande pompa, mas também como uma flor, fazendo soar (*sonnant*) o glas, seu nome próprio, os nomes do direito comum, a linguagem, a verdade, o sentido, a literatura, a retórica e, se possível, o resto”.⁶⁰ Com efeito, a temática da flor expressa-se no *glas* como flor de retórica,⁶¹ força de excreção transcendental,⁶² virgindade,⁶³ desabrochar do estilo,⁶⁴ transe da morte.⁶⁵ Ligá-la ao *phallus* e à castração, em nome da lei, da verdade e do simbólico, seria uma vez ainda parar o *glas*.⁶⁶ Contra isso, através de uma releitura da flor na obra de Genet, Derrida faz soar o *glas* na coluna que se opõe a Hegel.

Em sua tese de doutorado exclusivamente dedicada ao *Glas*, Beatriz Blanco Vázquez sublinha que “o nome de Genet desencadeia a releitura de Derrida por um gesto que parece revelar as chaves da operação que se está levando a cabo sobre o corpo de Genet”.⁶⁷ Ela parte da concepção derridiana de que na escritura há algo que excede a comunicação através da

⁵⁸ *Ibidem*, pp. 20-21.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 19.

⁶⁰ *Ibidem*.

⁶¹ *Ibidem*, p. 20.

⁶² *Ibidem*, p. 21.

⁶³ *Ibidem*, p. 22.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 29.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 30.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 36.

⁶⁷ VÁZQUEZ, Beatriz Blanco. *Geografía de los restos: reinscripciones del duelo em Glas de Jacques Derrida*, p. 300.

categoria de ausência,⁶⁸ algo que haveria escapado a Sartre e a Bataille. A legibilidade do texto introduz na escritura, mesmo que não haja destinatário, a dimensão irreduzível da morte. Na estrutura da marca, inscreve-se a ruptura da presença, ou possibilidade da morte.⁶⁹ O nome próprio é introduzido como extremo do movimento de oscilação indecível, como resto da inscrição. Com efeito, para Derrida, o grande desafio do discurso literário em Genet é a transformação paciente do nome próprio, quase animal ou vegetal, em nome de coisas.⁷⁰ Segundo Beatriz B. Vázquez, trata-se de uma “inversão irônica do *Saint Genet* de Sartre, o nome próprio, prótese ou enxerto, funciona não como coluna vertebral do corpo de Genet, senão como processo auto-imunitário”.⁷¹

Desde a sua própria concepção de escritura, Derrida transformou significativamente a compreensão da obra de Genet. A sua influência se fez sentir nos estudos literários que se seguiram ao *Glas*. Seguindo uma perspectiva tematólogica e a versão dos estudos do imaginário de Jean-Pierre Richard, Lourdes Câncio Martins realizou em *Jean Genet e o Imaginário do Vegetal* uma vasta análise sobre o mundo do vegetal; o espaço, a forma e a qualificação; o corpo florido e o corpo textual; das personagens e de sua marca vegetal.⁷² A autora propõe, seguindo nesse aspecto uma inspiração derridiana, que entre as formas vegetais, é a flor que atrai mais a atenção de Genet. Importam ao poeta a plenitude da flor, sua aparição e sua degradação. Sua aparição revela a beleza e a morte. De um lado, a cor, o perfume, a rigidez da flor remetem à sua beleza viril. De outro, há o seu aspecto maléfico – ela pode matar com o seu veneno ou por eletrização. O interessante aqui é notar que ela não desconsidera a perspectiva sartriana, a qual ela retorna diversas vezes para ampliar a compreensão das designações que Genet faz ao Mal. Esse confronto é o que passará a nos ocupar na última etapa de nossa exposição.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 271.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 272.

⁷⁰ DERRIDA, Jacques. *Glas*, *op. cit.*, p. 11.

⁷¹ VÁZQUEZ, Beatriz Blanco. *Geografía de los restos: reinscripciones del duelo em Glas de Jacques Derrida*, p. 293.

⁷² MARTINS, Lourdes Câncio. *Jean Genet e o imaginário do vegetal – Enraizamento e explicação do mundo*.

4. A OBRA DE JEAN GENET, ENTRE SARTRE E DERRIDA

Uma vez que a interpretação sartriana acerca do problema do Mal no *Saint Genet* é construída a partir da psicanálise existencial, apoiada sobre uma ontologia fenomenológica, podemos nos questionar o que dela permanece depois do *Glas*. Para avançar nessa direção, é preciso situar a perspectiva de Derrida de modo mais global em relação a Sartre. Alguns pesquisadores já se colocaram essa questão, buscando mostrar, ora o seu total afastamento, como Robert Harvey, ora a possibilidade de aproximação entre Sartre e Derrida, como Bruce Baugh. A nós, não nos surpreende que ambos tenham tomado o *Glas* como referência central em suas análises comparativas.

O título do artigo de Robert Harvey, *Genet's open enemies: Sartre and Derrida*, já sinaliza que o autor interpreta como impossível qualquer reconciliação entre o existencialismo (ou “sartrismo”) e a desconstrução (ou “derridianismo”).⁷³ No entanto, apesar da impossibilidade de conciliação entre Sartre e Derrida, a “con-ver-gência” entre ambos estaria em seu mútuo interesse pela androginia.⁷⁴ O lugar para acomodação do sartrismo e do derridianismo seria o do corpo de Genet em sua decomposição. Contudo, ao que nos parece, uma interpretação que busca um sentido sexual na escolha desses autores por Genet corre o risco de deixar de lado o mais importante de suas análises sobre a literatura e a escritura. Para Robert Harvey, ainda, Sartre teria sido “virtualmente ignorado” no *Glas*.⁷⁵ Ora, apesar do pequeno número de referências diretas a Sartre, não nos parece que ele tenha sido ignorado, nem mesmo virtualmente, na coluna Genet do *Glas*. Ao contrário, Sartre foi um dos alvos expressos de Derrida, talvez o principal.

Em uma posição que nos parece oposta à de Robert Harvey está o artigo de Bruce Baugh, no qual são apresentadas algumas similaridades entre a noção de consciência em Sartre e a de diferença em Derrida. Embora essa aproximação não se mostre adequada e sustentável em seu conjunto, Baugh parece ter razão em vários aspectos. Em seu balanço, na obra de Derrida, a principal crítica a Sartre encontra-se no *Glas*, relativamente à onto-fenomenologia da liberdade e à intenção de descobrir “projetos fundamentais”,

⁷³ HARVEY, Robert. “Genet's open enemies: Sartre and Derrida”, p. 104.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 105.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 108.

que encontrariam obstáculo na indeterminabilidade e indecidibilidade do sentido.⁷⁶ Por outro lado, o autor assinala que os escritos de Sartre constituíram a primeira e maior influência filosófica sobre Derrida.⁷⁷ Nesse mesmo sentido ainda, ele faz referência à dívida que Derrida reconheceu para com Sartre no texto “*Il courait mort*”: *Salut, salut*, escrito por Derrida por ocasião dos 50 anos da Revista *Les Temps Modernes*, publicado a primeira vez em 1996 e uma segunda, em 2005. Esse artigo tem a forma de uma carta escrita ao então diretor da revista, Claude Lanzmann, na qual Derrida afirma ter sido sempre “para” e “com” *Les Temps Modernes*, confiando ao leitor as suas dificuldades de pensar essa relação.

Com efeito, essa carta pode ser lida como um texto em que Derrida revê expressamente e reconsidera, já no auge de suas publicações e com mais idade, a sua relação com o pensamento sartriano. O nome de Sartre está praticamente em todas as páginas da carta. Derrida chega a afirmar que ama sentir-se um “herdeiro”,⁷⁸ e fala de uma aliança discreta, mas segundo ele irrecusável com Sartre.⁷⁹ O que o interessa e o toca mais na filosofia sartriana é o tema da contradição de si. Lá onde Sartre está em desacordo consigo mesmo, no que tange à sua concepção da literatura, Derrida se sente o mais de acordo com ele.⁸⁰

Embora essa carta seja digna de nota, talvez uma perspectiva mais exata sobre a posição de Derrida em relação a Sartre encontre-se em *Abraham, l'autre*, conferência de 2000, publicada em 2003. Aqui, torna-se mais evidente não apenas o modo como o jovem Derrida leu Sartre, em especial as *Réflexions sur la question juive*, mas como o tema do judeu autêntico/inautêntico tornou-se problemático para ele, de modo singular e pessoal.

Derrida afirma que Sartre não poderia levar a sério a alternativa da autenticidade (na medida em que ela apela ao princípio de identidade). Fazendo questão de render homenagem a Sartre, Derrida não deixa de lhe endereçar uma crítica, tendo como base a “indecidibilidade entre o

⁷⁶ BAUGH, Bruce. “Hello, Goodbye’: Derrida and Sartre’s Legacy”, p. 68.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 61.

⁷⁸ DERRIDA, Jacques. “Il courait mort’: Salut, salut. Notes pour un courrier aux temps modernes”, p. 187.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 196.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 203.

autêntico, o inautêntico, o quase-autêntico”.⁸¹ No entanto, dizer “eu sou judeu”, como Derrida o faz, “sabendo e querendo dizer o que se diz, é bem difícil e vertiginoso”.⁸² Vertigem não parece ser uma palavra entre outras no texto de Derrida. Ela lembra “a palavra vertiginosa” do *Saint Genet*: “tu és um ladrão”. Aquilo que Derrida não aceita na psicanálise existencial de Genet, e que ele não aceita tampouco na descrição que Sartre faz do judeu autêntico é que, de algum modo, se possa obter uma palavra final sobre o projeto existencial e resolver a oscilação e a indecidibilidade relativamente à experiência da herança. Entretanto, a impossibilidade de determinação da autenticidade em nossa sociedade atual foi justamente o motivo pelo qual Sartre abandonou – à época do *Saint Genet* – os seus *Cahiers pour une Morale*. Em outros termos, Sartre abandonou o projeto da sua moral dos anos 1940 por ter se dado conta dos mesmos problemas referidos por Derrida em *Abraham, l'autre*. Talvez as divergências entre Derrida e Sartre sejam menores do que se costuma afirmar.

Retornemos ainda à crítica de Derrida ao *Saint Genet* no *Glas*, segundo a qual a questão da flor é “infalivelmente evitada” por Sartre. Essa crítica é ao mesmo tempo uma estratégia de Derrida para atravessar suas próprias questões: a *nominação*, a *inscrição* e a *escritura*. Cabe fazer um balanço dessa interpretação derridiana.

A análise do *Saint Genet* é feita a partir da distinção entre *parole* e *mot*. A primeira (a fala) é gesto. A segunda (a palavra) é coisa. Genet “usa do poder nominativo para se transformar no que ele quer; ele pode dizer: eu sou gafanhoto, eu sou rei”.⁸³ Enquanto gesto, a linguagem é feita para parecer. No entanto, a palavra é signo. Excluído da linguagem, Genet vê as palavras de fora. Para ele, que foi marcado para sempre pela palavra, o *ser* ladrão manteve-se escondido. Nesse sentido, as palavras “são” os objetos. “A palavra ‘faca’ é uma faca; a palavra ‘flor’ é uma flor. Genet me confiou que ele detestava as flores: não é a rosa que ele ama, é seu nome”.⁸⁴ Sartre chama de *magnificação* o ato de *nominação* de Genet que confere uma espécie de oficialidade ao objeto. O que Derrida quer atacar, no fundo, é a concepção de poesia e a noção de comunicação pressupostas nestas análises de Sartre.

⁸¹ DERRIDA, Jacques. “Abraham, l'autre”.

⁸² *Ibidem*.

⁸³ SARTRE, Jean-Paul. *Saint Genet, comédien et martyr*, op. cit., p. 437.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 439.

Embora a temática da flor não seja a mais central no *Saint Genet*, não se pode dizer que ela é ausente neste livro. Por outro lado, não se pode dizer o mesmo da coluna “Genet” do *Glas*, onde o mal, examinado minuciosamente no *Saint Genet*, não figura de maneira alguma. Essa lacuna, a nosso juízo, é uma estratégia deliberada no texto de Derrida, pois a coluna Genet é erigida contra a coluna Hegel, e nos resíduos que sobra dela mesma, contra Sartre, Bataille e Lacan. No entanto, caso tenhamos em vista uma hermenêutica da obra genetiana, não poderemos ignorar que Genet se considera ele mesmo um adorador do mal, sendo o problema da identificação com o Mal um aspecto imprescindível para a leitura da sua obra. Isso parece constituir o valor permanente das análises de Sartre e a sua inevitabilidade para uma crítica literária obra de Genet, mesmo após o *Glas*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das quatro etapas de nossa análise, foi possível mostrar que o modo como Sartre, Bataille e Derrida compreenderam a obra de Genet constitui o eixo central dos conflitos entre as suas teses sobre literatura.

Tomada em sua singularidade, a vida de Genet tornou-se o objeto da psicanálise existencial em um dos principais livros de Sartre. Contra o método e a posição adotados por Sartre no *Saint Genet*, Bataille dedica a Genet o mais importante dos ensaios que ele escreveu sobre a literatura e o mal, o qual deu o fecho ao seu livro. Mais tarde, Derrida erige no *Glas* uma coluna “Genet”, contraposta à coluna Hegel, na qual Bataille e Sartre são também os seus alvos. Derrida estava ciente de que fazendo essa escolha para buscar o *glas* do livro, estaria contrapondo sua leitura aos resíduos metafísicos das interpretações de Sartre e de Bataille.

Lido em conjunto com *Un hegelianisme sans réserve*, o *Glas* não deixa dúvida de que Derrida rejeita a interpretação e a sentença de Bataille sobre o “fracasso” de Genet. Considerando igualmente o texto *Les fins de l’homme*, podemos perceber que o *Glas* estende as críticas de Derrida à ontologia fenomenológica de Sartre.

No entanto, no que diz respeito a Sartre, a questão se mostrou muito mais delicada, em razão da influência silenciosa, reconhecida tardiamente, da obra de Sartre sobre Derrida. Esperamos ter mostrado que,

apesar das várias críticas de Derrida a Sartre, a formulação do problema do Mal possui aspectos que se mantêm válidos e necessários para uma hermenêutica da obra de Genet, mesmo após o Glas.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. *La littérature et le mal*. Paris: Gallimard, 1957.

_____. *La part maudite*, precedido de *La notion de dépense*. Paris: Minuit, 1967.

BAUGH, Bruce. “‘Hello, Goodbye’: Derrida and Sartre’s Legacy”, *Sartre Studies International*, vol. 5, nº 2 (1999), p. 68.

CARPIO, Félix Lope de Vega. *Lo fingido verdadero*. Madrid: Biblioteca Nacional, 2009. Versão original acessível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/lo-fingido-verdadero--0/>.

DERRIDA, Jacques. “‘Il courait mort’: Salut, salut. Notes pour un courrier aux temps modernes”, *Les Temps Modernes*, nº 629, 2005, p. 187.

DERRIDA, Jacques. “Abraham, l’autre”. *Judéités. Questions pour Jacques Derrida*. COHEN, Joseph; Zagury-Orly, Raphael. (Org.) Disponível em: http://redaprenderycambiar.com.ar/derrida/frances/derrida_abraham.htm.

_____. *Glas*. Paris: Galilée, 1974.

_____. *L’écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967.

_____. *Marges de la philosophie*. Paris: Minuit, 1972.

DORT, Bernard. “Genet ou le combat avec le théâtre”, *Les Temps Modernes*, nº 247, 1966, p. 1103.

GENET, Jean. *Journal du voleur*. Paris: Gallimard folio, 1982 (1949).

_____. *Œuvres complètes*. Tomo II. Paris: Gallimard, 1951.

HARVEY, Robert. "Genet's open enemies: Sartre and Derrida", *Yale French Studies*, nº 91 - In the language of the enemy (1997).

MARTINS, Lourdes Cândio. *Jean Genet e o imaginário do vegetal – Enraizamento e explicação do mundo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

RONCHI, Rocco. *Bataille, Levinas, Blanchot*. Milão: Spirali, 1985.

ROTRON, Jean de. *Le Véritable Saint Genest*. Paris: Flammarion, 1999.

SARTRE, Jean Paul. *Situations, I – Critiques littéraires*. Paris: Gallimard, 1947.

_____. "Jean Genet ou le bal des voleurs", *Les Temps Modernes*, nº 57-62, 1951, pp. 12-47; pp. 193-233; pp. 402-443; pp. 668-703; pp. 848-895; pp. 1038-1070.

_____. *L'Être et le Néant – essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard tel, 2004 (1943).

_____. *Saint Genet, comédien et martyr*. Paris: Gallimard, 1952.

VÁZQUEZ, Beatriz Blanco. *Geografía de los restos: reinscripciones del duelo em Glas de Jacques Derrida*. Tese de doutorado. Madrid: UNED, 2011.

WITT, Mary Ann Frese. "From Saint Genesius to Kean: Actors, Martyrs, and Meta-theater". *Comparative Drama*, vol. 43, nº1 (2009), pp. 19-44.